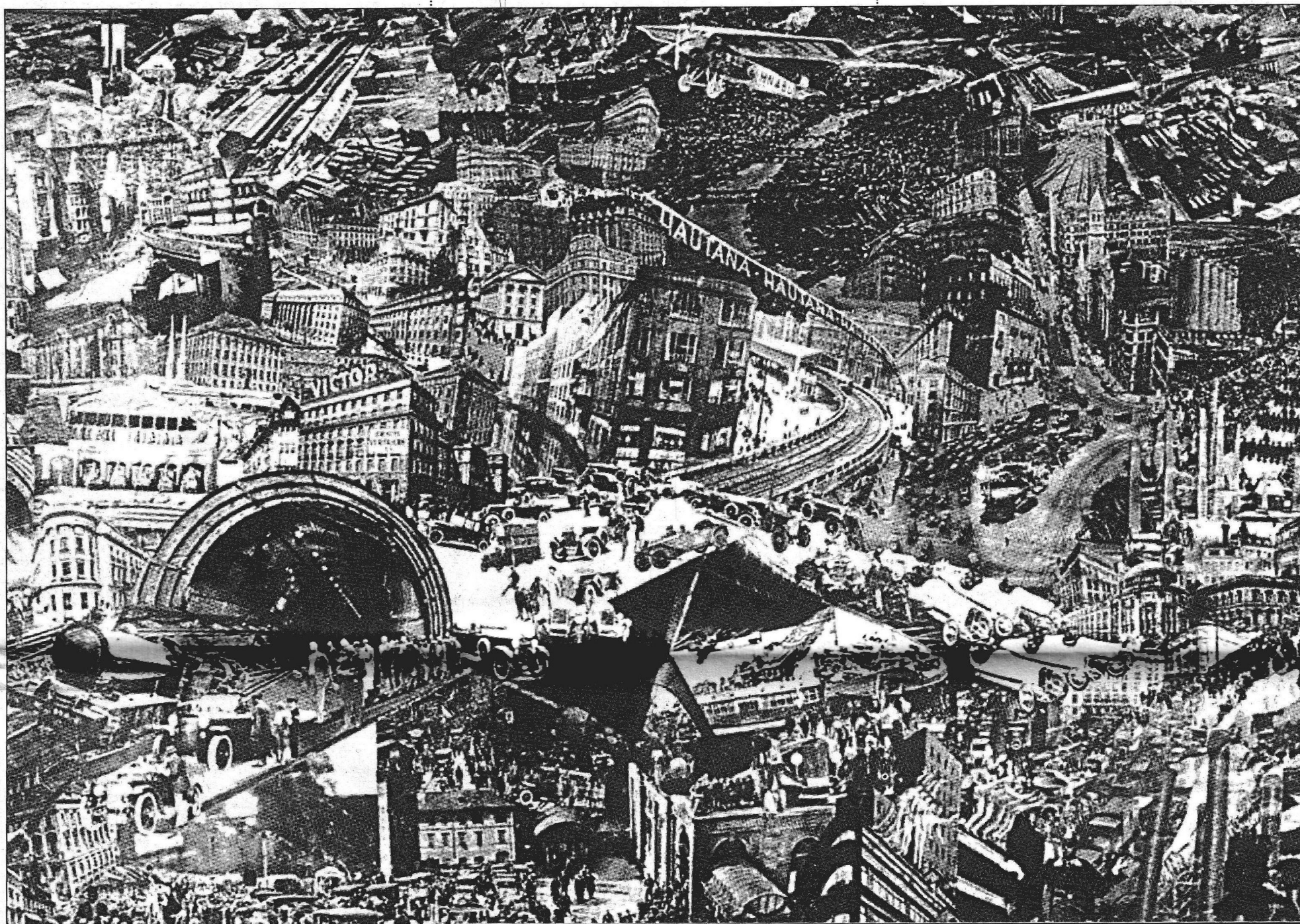


ARTE, ARQUITETURA E URBANISMO



O *Jornal do Fórum Brasília de Artes Visuais* publica, a seguir, um painel, com a participação de arquitetos e críticos de arquitetura. Eles discutem a opção de adensamento ou policentros nas cidades, as favelas, a dimensão social do planejamento, a situação atual e a qualidade da arquitetura brasileira.

Diante dos problemas de grandes centros urbanos, a solução é adensar as cidades ou adotar policentros?

“Cada cidade tem de ser vista dentro de seu contexto. No caso de Brasília, a condição necessária para um melhor desempenho da cidade seria o adensamento. No caso de São Paulo, você não pode falar em adensamento. A qualidade do ar de São Paulo é horrível. A vantagem de uma cidade adensada é que ela permite o face a face da informação. Esta é

uma condição da democracia. A desvantagem é a qualidade do ar. Brasília tem qualidade no ar, mas é um lugar de encontros extremamente programados. Se você recorre à história, vai constatar que todas as transformações sociais importantes ocorreram no face a face das cidades. É preciso saber o que se quer.”

Maria Elaine Kohlsdorf, professora do departamento de arquitetura da UnB.

“Eu só gostaria de lembrar que, na Europa, houve um “boom” da arquitetura nos últimos anos. Enquanto as cidades terceiro-mundistas caíram em qualidade de maneira assustadora, as cidades européias melhoraram muito. Até 1960, das 20 cidades mais densas e populosas do planeta, 17 estavam no Primeiro Mundo. Atualmente, se você pegar as 20 cidades mais populosas e densas do mundo, 17 estão no Terceiro Mundo, incluindo aí São Paulo e Rio de Janeiro. Esta história de adensamento vem nas teorias do Primeiro Mundo. Existe uma situação extremamente conservadora. Não existem mais pro-

jetos e propostas libertárias.”

Cláudio Queiroz, diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB

Até que ponto o planejamento urbano pode solucionar questões políticas e sociais e assegurar padrões de qualidade de vida nas cidades?

“Não existe planejamento urbano exclusivamente técnico. Mas, o planejamento urbano tem de ser visto de maneira globalizada. Em Brasília, por exemplo, os políticos deram as costas para o planejamento urbano e passaram a trabalhar com um espaço fragmentado. Então existem projetos aos pedaços, sem articulação global. Todo mundo tece elogios ao planejamento urbano de Curitiba. Mas lá, há 30 anos, existe um planejamento global da cidade. Este planejamento não pode ficar à mercê de interesses políticos imediatistas. Se entra um novo governo, ele tem de se ajustar ao planejamento

global. É assim que ocorre nos países desenvolvidos. Isto não entra na cabeça dos políticos brasileiros nem com parafuso”.

Aldo Paviani, professor do Departamento de Geografia da UnB e coordenador do Neur — Núcleo de Estudos Urbanos da UnB

Os arquitetos pioneiros da modernidade ajudaram a implantar a idéia da cidade moderna da qual Brasília é talvez o exemplo mais paradigmático. A partir dos anos 60 se disseminou pelo País a “democracia espacial” da utopia moderna de raiz combusteriana: o zoneamento como “ordem urbana” e regras para o “uso do solo” (cidade=mercadoria), as vias expressas como a possibilidade de todos terem acesso a toda parte (primazia do transporte individual sobre o público), a substituição de gabaritos e controles formais por índices e coeficientes que evitam imaginar o que deles resultará como cidade. Havia um sonho: o controle total da cidade traria a felicidade de seus habitantes superando as divisões de classe, permitindo ao senador morar ao lado do contínuo. Findos os milagres econômicos e os autoritarismos políticos necessários à tentativa de controle total da cidade (na verdade jamais tão bem-sucedida), aponta-se o fim da supremacia do saber tecnocrático que julga conhecer mais e melhor o que é bom para todos nós, cidadãos. A Arquitetura e o Urbanismo não são capazes de, por si sós, mudar a sociedade. Mas continuam tendo um papel muito importante: estudar e conhecer as cidades, não como os manuais dizem que elas devem ser, mas sim como elas são. Revisando a noção de “democracia espacial”, hoje em dia muito resistente à crítica porque virou uma pseudoverdade inquestionável. E, finalmente, agindo sobre a cidade, talvez não com a pretensão de onipotência hoje já anacrônica; com mais humildade, porém com ousadia — pois sem isso não se faz nada.

Ruth Verde Zein - Arquiteta e crítica de arquitetura da revista Projeto

A favela é um problema ou uma solução?

“É uma solução e é um problema. É uma solução porque, no Brasil de hoje, ela representa uma oportunidade de habitação que, sem a favela, não existiria. Esta é uma tradição muito antiga no Brasil. Uma vez que se ocupa ilegalmente, existe muita chance da ocupação ser legalizada. É um problema porque deixa estas pessoas em um estado muito grande de insegurança quanto ao acesso aos serviços urbanos, saneamento, legalidade e preconceitos sociais.

James Holston, antropólogo

“É um problema e uma solução, depende do ponto de vista. É uma solução para quem não tem onde morar. Mas é um problema por causa da falta de condições de saneamento. Uma das vantagens da favela é que a moradia fica perto do trabalho. A outra é que a proximidade favorece a sociabilidade. As favelas são removidas e assentadas em outros locais, onde os problemas continuam, pois não se oferece saneamento básico.

Em Brasília, removeram as invasões para Samambaia, mas ela continua sem saneamento básico. Então a favela é um problema para quem não suporta a visão da miséria. As condições de sociabilidade da favela são melhores do que as dos centros habitacionais das cidades-satélites de Brasília, que separam as pessoas. O problema da legalidade está por trás de todas as ações contra as favelas. Mas se você levar por este lado, existem muitas outras coisas ilegais. Deixar a terra “engordando”, não ocupar, para especular, é ilegal. E, no entanto, o poder público vive “engordando” terra em Brasília. A orla do Lago foi privatizada. O problema é que se aplica a lei para os excluídos e o jeitinho brasileiro para os privilegiados”. A favela não é problema, nem solução, É um fato”.

Maria Elaine Kolsdorf, professora do Departamento de Arquitetura da UnB.

Como fazer com que a cidade seja efetivamente espaço para exercício da cidadania?

“Seria necessário um livro para explicar. Mas, em primeiro lugar é preciso aumentar a taxa de liberdade. E destinar os bens que levam a isto. É preciso educar a população para que

Frederico Hollanda, professor do Departamento de Arquitetura da UnB

Como vê a arquitetura praticada hoje no Brasil?

“Devido a crise, os arquitetos têm tido poucas oportunidades de construir. Mas, mesmo assim, já se delinea, a meu ver, uma tendência a se abandonar a vocação moderna da Arquitetura, ainda dominante, no Brasil, muito voltada para si mesma. A nova tendência é a de reconhecer a complexidade da cidade, reconhecer que o projeto arquitetônico é uma intervenção modesta em um espaço urbano. Ele é um espaço muito dinâmico. Então a tendência é assimilar esta riqueza do entorno”.

Nelson Brissac, professor e crítico de artes.

“Participei recentemente do concurso nacional Ópera-Prima, onde tive contato com arquitetos recém-formados do Brasil inteiro. Fiquei muito feliz de ver que a onda de “ismos” dominante nos últimos anos já começa a ser superada. São projetos de arquitetura que retomam a ligação com a essência da brasilidade e que se expressam através de pesquisas originais, deixando para trás todos estes modismos. A arquitetura sempre vai se pautar pelo modo de produção de cada momento. E a arquitetura é uma das poucas áreas em que o Brasil já superou a dependência cultural. É uma área em que já sobra tradição e os nossos arquitetos estão começando a perceber isto.”

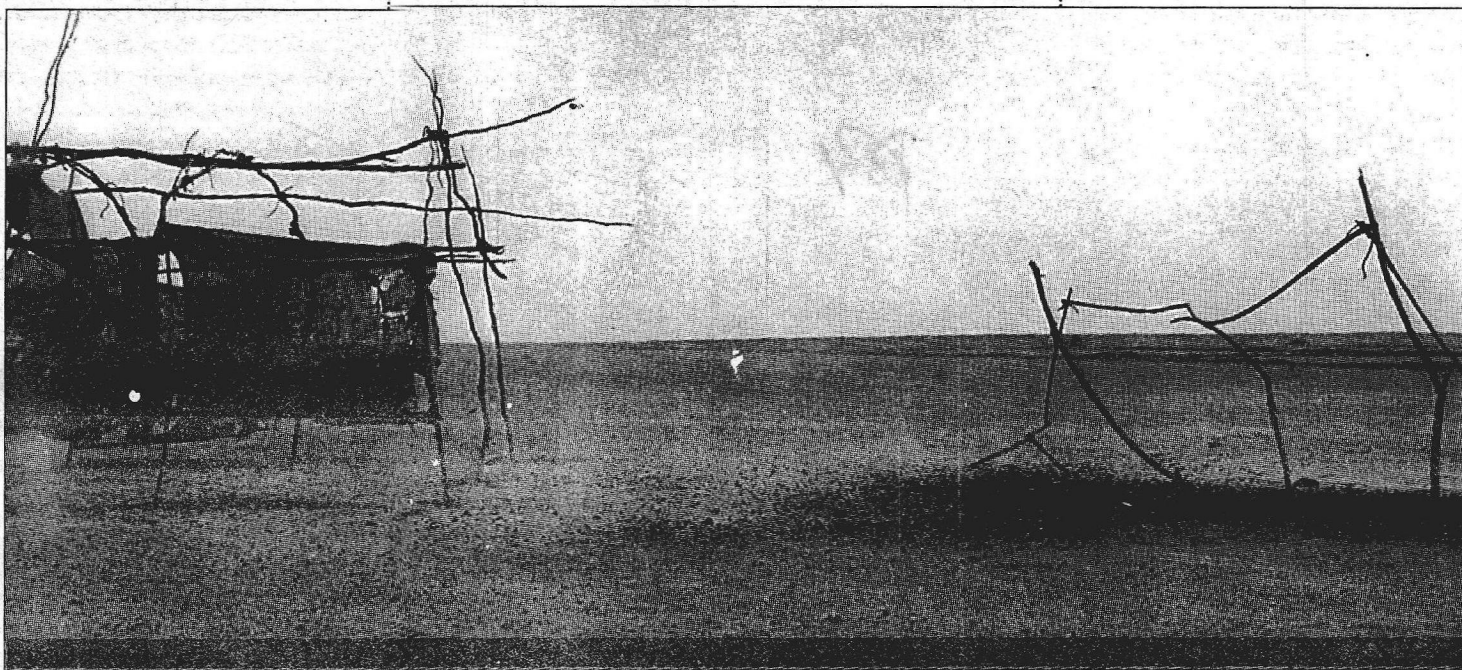
Cláudio Queiroz, diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB

Como vê a utopia modernista de integrar arte e

arquitetura. Ela fracassou? Que perspectiva vislumbra para essa utopia no futuro?

Arte e arquitetura sempre estiveram integradas, isso não foi absolutamente uma invenção, mas uma tentativa de recuperação pela utopia moderna. A igreja de S. Francisco de Assis de Ouro Preto, do século XVIII, é arte e arquitetura integradas, para não falar nos templos gregos e romanos e nas catedrais góticas. A Revolução Industrial a partir do século passado começou um processo de primazia da quantidade e o Romantismo enfatizou a noção de arte pela arte, duas idéias que não existiam até então. Os grandes arquitetos do modernismo eram artistas integrados com a produção artística de seu tempo, de certa forma ainda herdeiros de uma tradição do passado que não via separação entre as artes. Penso que neste fim de século já estamos nos dando conta de que a dimensão artística do ser humano é imprescindível, que nós não queremos só comida, queremos comida, diversão e arte. Num mundo tão manancial e tão voltado para as finanças é até uma questão de saúde mental não perdemos jamais a criatividade. Talvez a minha utopia seja até mais radical: todo ser humano é artista em potencial e aqueles que dedicam sua vida a desenvolver essa potencialidade são os melhores entre nós.

Ruth Verde Zein - Arquiteta e crítica de arquitetura da revista Projeto



saiba escolher. Veja se alguém é cidadão pleno com 65 reais. Não terá liberdade para nada. Não compra nem a cesta básica. Então isto passa por uma melhor distribuição da riqueza, da educação, da saúde pública e da informação. Quem sabe qual é o orçamento do Distrito Federal? As pessoas não cumprem os seus deveres porque não estão informadas sobre os seus direitos. Com o voto você tem o meio-cidadão. O sujeito vota, mas não tem consciência de sua escolha”.

Aldo Paviani, professor do Departamento de Geografia da UnB e coordenador do Neur — Núcleo de Estudos Urbanos da UnB

“É preciso haver, simultaneamente, uma sociedade cidadã e uma cidade cidadã. Ou seja — é preciso que exista, ao mesmo tempo, uma consciência de cidadania entre os habitantes da cidade e um espaço urbano que favoreça o exercício da cidadania. Você pode ter um espaço urbano extremamente favorável a cidadania como é o caso do centro do Rio de Janeiro, mas que não se realiza porque você não tem uma sociedade-cidadã. Brasília é o contrário. O espaço público não favorece o exercício da cidadania. O centro do Rio de Janeiro é, para mim, um exemplo de espaço-cidadão, pois permite a apropriação por todas as classes sociais. Mas, em uma sociedade perversa como a nossa nenhum espaço de cidadania vai funcionar”.